

qual se ajuntaria outro que o particularizasse, como se dá com o termo generico *gaz*, que especializamos adicionando-lhe as palavras *hydrogenio*, *oxygenio*, *azoto*, etc.

Poderíamos então dizer — e talvez fosse isso o melhor — a *alma vital* para exprimir o principio da vida material, a *alma intellectual* para exprimir o principio da intelligencia, e a *alma espirita* para exprimir o principio da nossa individualidade depois da morte. Como vemos, tudo isso não passa de uma questão de palavras, mas ainda assim é questão de grande importancia para nos podermos entender. Neste caso, a *alma vital* é commum a todos os seres organicos: plantas, animaes e homens; a *alma intellectual* é propria dos animaes e dos homens, e a *alma espirita* só pertence ao homem.

Julgamos necessario insistir nestas explicações, porque a doutrina espirita repousa naturalmente sobre a existencia em nós de um ser independente da matéria e sobrevivendo ao corpo. Como temos de empregar frequentemente, no curso desta obra, a palavra *alma*, importava fixar o sentido que lhe damos para evitar duvidas.

Chegamos agora ao objecto principal desta instrucção preliminar.

III

Como todas as theorias novas, a doutrina espirita tem adeptos e contradictores.

Vamos tentar responder a algumas das objecções destes ultimos, examinando o valor dos motivos em que se apoiam, sem termos, contudo, a pretenção de convencer a todos, porque ha muitos que crêm que a luz só foi feita para elles. Dirigimo-nos ás pessoas de boa vontade, sem ideias preconcebidas e irrevogavelmente fixas, mas sinceramente desejosas de se instruirem, e lhes demonstraremos que a maioria das objecções que oppõem á doutrina espirita provém de incompleta observação dos factos e de juizo precipitado ou irreflectido.

Recordemos primeiro, em poucas palavras, a serie progressiva dos phenomenos que deram origem a esta doutrina.

O primeiro facto observado foi o do movimento de diversos objectos, ao qual vulgarmente se chamou *mesas girantes* ou *dança das mesas*. Esse phenomeno, que parece ter sido observado primeiro na America, ou, pelo menos, que ahi primeiro chamou a attenção em nossa época, visto que a historia prova vir elle de remota antiguidade — produziu-se acompanhado de circumstancias estranhas, como ruidos insolitos, pancadas sem causa ostensivamente conhecida. Dahi se propagou rapidamente pela Europa e outras partes do mundo. A principio foi recebido com muita incredulidade, mas a repetição das experiencias não tardou em dissipar as duvidas sobre a sua realidade.

Se tal phenomeno se limitasse ao movimento de objectos materiaes, poderia ser explicado por uma causa puramente physica. Estamos longe de conhecer todos os agentes occultos da natureza, bem como

todas as propriedades dos que já nos são familiares; a electricidade multiplica diariamente os numerosos recursos que offerece ao homem e parece destinada a esclarecer a sciencia com uma nova luz. Não seria pois impossivel que a electricidade, modificada por certas circumstancias, ou por qualquer outro agente desconhecido, fosse a causa do movimento observado. A reunião de muitas pessoas, fazendo crescer o poder de acção, parecia vir apoiar essa theoria, visto como podia considerar-se esse ajuntamento uma pilha multipla, cujo poder estivesse na razão directa do numero dos seus elementos.

O movimento circular nada tinha de extraordinaire por estar em a natureza; todos os astros se movem circularmente, e era possivel que tivessemos em miniatura um reflexo do movimento geral do universo ou, para melhor dizer, que uma causa até então desconhecida pudesse produzir accidentalmente nos pequenos objectos, dadas certas circumstancias, uma corrente analoga á que arrasta os mundos.

O movimento observado, porém, nem sempre era circular; muitas vezes era brusco e desordenado, sendo o objecto violentamente sacudido, derribado, arrastado em diferentes direcções, e, contrariamente a todas as leis da estatica, levantado do solo e sustentado em suspensão no ar. Nada havia nesses factos que se não pudesse explicar pela acção de um agente physico invisivel. Não vemos a electricidade lançar por terra os edificios, desenraizar arvores, arremessar para longe os mais pesados corpos, attrahil-os ou repellil-os?

Os ruidos insolitos, os estalidos que se ouviam, admittindo-se que não fossem um dos effeitos ordinarios da dilatação da madeira ou de qualquer outra causa accidental, ainda podiam muito bem ser produzidos pela accumulação de algum fluido occulto. Não produz a electricidade os mais violentos ruidos?

Até aqui, como vemos, tudo podia entrar no domio dos factos puramente physicos e physiologicos. Sem sahir deste circulo de ideias, ninguem negará que o facto já era digno de estudo e attenção por parte dos sabios. Porque lhe não prestaram elles essa attenção? É penoso dizê-lo, mas isso prende-se a causas que provam, como em mil outros factos semelhantes, a leviandade do espirito humano. A vulgaridade do objecto principal que serviu de base ás primeiras experiencias não foi estranha a tal resolução. Que influencia não tem muitas vezes uma palavra sobre as coisas mais graves? Sem considerar que o movimento podia ser imprimido a qualquer outro objecto, a ideia das mesas prevaleceu, sem duvida por ser este movele o mais commodo e porque, naturalmente, o preferimos a qualquer outro para nos sentarmos ao redor d'elle. Os homens superiores são, ás vezes, tão pueris que não achamos impossivel certos espiritos eminentes julgarem baixeza o occuparem-se com o que se convencionará chamar a *dança das mesas*. É mesmo provavel que, si o phenomeno observado por Galvani o tivesse sido por homens vulgares, recebesse um nome burlesco, e talvez ainda o vissemos collocado ao lado da varinha de condão. De facto, que sabio não

supporia uma humilhação o ocupar-se com a *dança das rans*?

Entretanto, algumas pessoas assaz modestas para convirem que a natureza bem podia ainda não lhes haver dito a ultima palavra, quizeram vêr, como por descargo de consciencia; mas aconteceu que o pheno-meno nem sempre lhes correspondeu á expectativa, e por não se ter elle produzido constantemente segundo a vontade dos experimentadores, e nas condições em que se collocavam, concluiram pela negação. Apesar disso, as mesas continuam a girar, e nós podemos dizer como Galileu: *todavia ellas movem-se!* Diremos mais: os factos multiplicaram-se de tal modo que hoje são incontestaveis, limitando-se a questão sómente a achar-lhes uma explicação racional.

Poderá depor contra a realidade de um pheno-meno o facto de não se produzir elle de modo sempre conforme á vontade e ás exigencias do observador? Porque os phenomenos da electricidade e da chimica não são subordinados a certas condições, segue-se que devemos negál-os quando não se manifestem fóra delas? Nada ha de admiravel em que o pheno-meno do movimento dos objectos pelo fluido humano também exija determinadas condições e não se dê todas as vezes que o observador, collocando-se num certo ponto de vista, pretenda fazê-lo prosseguir obedecendo ao seu capricho, ou sujeitál-o ás leis dos phenomenos conhecidos, sem considerar que, para factos novos, pôde e deve haver leis novas. Para conhecer essas leis é necessário estudar as circumstancias em que os factos se produzem, e esse estudo não pôde ser si-

não o fructo de uma observação perseverante, attenta e mesmo muito longa.

Mas, dizem certas pessoas, muitas vezes ha nisso manifesta fraude. Perguntar-lhes-emos, em primeiro lugar, si estão bem certas da existencia de tal fraude; si não foram levadas a essa supposição pelos effeitos que não podiam explicar, assim como o camponio que tomava por habil escamoteador um sabio professor de physica que fazia as suas experiencias. Supondo mesmo que a fraude se dêsse algumas vezes, será motivo para negar o facto? Devemos condennar a physica por haver prestidigitadores que se adornam com o título de physicos? Convém attender sempre ao carácter das pessoas e ao interesse que elles possam ter em nos enganar. Será tudo isto apenas uma brincadeira? É possivel o divertimento por algum tempo; mas uma brincadeira prolongada indefinidamente seria tão fastidiosa para o mystificador como para o mystificado; e nessa mystificação, que se propaga de um a outro extremo do mundo e entre pessoas as mais conceituadas, honestas e esclarecidas, não deixaria de haver alguma coisa tão extraordinaria como o proprio pheno-meno.

IV

Si os phenomenos de que nos ocupamos se limitassem á movimento de objectos, não ultrapassariam o domínio das sciencias physicas. Mas não aconteceu assim; a observação desses phenomenos devia levar-nos á descoberta de factos de ordem estranha.